

JACOB BARADEUS E A IGREJA SÍRIA

Allan da Rocha Baptista¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é ampliar a cosmovisão religiosa e cristã quanto à sua historicidade e construção doutrinária através de um olhar atento ao Oriente, tendo por base Jacob Baradeus (Yacoub Burd'ono, 505-578 a.C.), que foi um bispo sírio, originário da cidade de Tela, filho de sacerdote cristão, que seguia uma doutrina cristológica marcadamente não-calcedoniana. Ele desenvolveu sua vida ministerial dando enfoque especial às igrejas ortodoxas sírias do Ocidente, sendo responsável por recuperar a vivacidade das igrejas, reconstruindo muitas, e formando outras diversas em todo o Oriente, a partir da Síria. Viveu em uma época de conflitos doutrinário-teológicos onde os imperadores romanos interferiam nessas questões perseguindo, exilando e sufocando todas as opiniões divergentes à doutrina cristã ortodoxa calcedoniana. Devido a isto, a Igreja Síria do Ocidente, que seguia as convenções teológicas alexandrinas, fora perseguida, pois tinha proposição doutrinária diferente do poder dominante. Já como bispo missionário de Edessa e enviado de volta a sua terra natal, Baradeus conseguiu pregar por volta de trinta e sete anos em todo o Oriente. Uma das estratégias para fugir da perseguição imperial foi andar em trajes pobres (daí o apelido “Baradeus”, derivado do siríaco “baradai” que significa vestido de trapos). Nos seus relatos, conta-se que curou enfermos, ressuscitou mortos, livrou cidades de destruição iminente pela sua intercessão, além de conhecidamente praticar a glossolalia e outros dons místicos. Os seguidores e membros das igrejas sírias ortodoxas que seguiam Baradeus ficaram conhecidos como “jacobitas”. Havia forte separação entre Igreja e Estado e por terem um pequeno número de clérigos, isto lhes dava a imagem de serem menos hierárquicos e mais próximos do povo, desenvolvendo, assim, uma grande rede de mosteiros e igrejas. Encontramos até hoje dezenas de milhares de cristãos jacobitas (hoje a Igreja se denomina “Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia”) espalhados por todo o mundo. Essas igrejas, há alguns anos, começaram a se estabelecer no Brasil, e hoje, estão presentes em boa parte do Centro-Oeste e no Norte do país. Assim, esta presente comunicação pretende resgatar parte da memória deste personagem e trazer para a historiografia o conhecimento milenar desta facção cristã, pois isto é tarefa importante para os historiadores da religião e demais pesquisadores, no intuito de integrar ao conhecimento ocidental a história, cultura e sociedade das igrejas orientais.

1717

Palavras-chave: Oriente; não-calcedoniana; jacobitas

1. Um ambiente hostil

Toda história, construções teológicas e de poder abarcam em um cenário propício a isso, devido ao fato da Síria concentrar três cidades que fazem parte do início do Cristianismo: Damasco, Antioquia e Edessa. O que gerou certa confusão no início, foi se desencadeando passando pelo séc VI (enfoque principal do trabalho) e refletindo até os dias atuais.

Ainda no séc I uma parte dos cristãos seguia a orar no templo, outros na sinagoga helenística. Após a morte de Estevão pelas autoridades de Jerusalém devido à sua pregação de

¹ Allan da Rocha Baptista (Graduando em Teologia pela FAECAD [Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia e Biotecnologia])

que a salvação não era obtida através de um local central de culto, rejeitando a necessidade do templo e seus sacrifícios, muitos cristãos se dispersaram para Samaria, Damasco e Antioquia. Damasco era uma cidade helenística na província romana da Síria, mas Antioquia que viria a abrigar a maior concentração de seguidores de Cristo agrupados em comunidades separadas das sinagogas, sendo lá à primeira vez que foram chamados “cristãos”.

Apesar de Antioquia ser a capital da província romana na Síria, no século II, Edessa que era um centro comercial e pluralmente cultural, não trazia seu caráter apostólico de Antioquia, mas de Tomé. Sendo que os *Atos de Tomé*, livro apócrifo do começo do século III foi de fato escrito em siríaco e circulou primeiro em Edessa antes de ser levado a outras regiões do mundo. Segundo a tradição os ossos de São Tomé foram levados de volta da Índia para Edessa.

1.1 Teologia Síria

Seus antigos hinos cristãos pareciam salmos bíblicos. A história que Abgar, um rei de Edessa fora curado por Abbai, um dos 70 comissionados pelos apóstolos aponta para o lado prático da cristandade primitiva, não tendo os tratados filosóficos como preferência. Inácio rejeitou a doutrina de que Jesus não teve um corpo real, mas enfatizou a cristologia do Espírito em lugar da cristologia do *Logos*. Descreviam ricamente o caráter encarnado do Espírito e afirmavam que o poder carismático deveria ser encontrado também no meio deles.

O Oriente nunca teve simpatia para com as "Sumas teológicas" nem para com os sistemas escolásticos. Toda formulação ou definição excessiva provoca desconfiança espontânea. É convicção inata, que vem dos Padres da Igreja, que não é bom especular sobre os mistérios; vale mais contemplá-los e deixar-se iluminar, penetrar por sua luz. Não racionalizado, o mistério torna-se iluminador. Donde um tipo de espiritualidade muito mais litúrgica e iconográfica que discursiva e doutrinária. Por isso, o estrito necessário dos dogmas nunca é separado da liturgia, nem a palavra, da vida. Os concílios formularam os dogmas como um canto de louvor, com forma de doxologia, para que possam entrar facilmente na própria trama da liturgia. Assim a "Trindade consubstancial e indivisível", o hino do "Filho Unigênito", o credo; ao mesmo tempo, os dogmas, erguem-se em contemplação sobre os ícones das festas litúrgicas. A Igreja santifica e ora mais do que ensina e formula. (O Espírito Santo na Igreja Ortodoxa, São Paulo, Ed. Ave Maria; Paul Evidokimov)

Também faziam uso positivo da imagem feminina em sua teologia, utilizando-se da figura de uma mãe em certos momentos para exemplificar características de Deus.

Se utilizavam da Peshitta (tradução siríaca do Antigo Testamento e alguns livros no Novo Testamento) e da Didaqué (doutrina dos doze apóstolos).

1.2 Século V

Antes de 431, Edessa e Constantinopla inclinaram-se para a tradição teológica de Antioquia das duas naturezas de Cristo. Rábula, bispo de Edessa, fora nomeado pelo patriarca de Antioquia e apoiava as posições antioquenas. Mas em 431 as coisas começaram a mudar e gerar preocupação. No concílio de Êfeso, Cirilo obteve supremacia, sinalizando a ascendência de Alexandria. O bispo Rábula decidiu aliar-se partidariamente á Cirilo de Alexandria.

Muito do que era discutido era traduzido, provavelmente havia alterações de sentido em termos gregos como *physis* (“natureza”), *hypostasis* e *proposon* (ambos traduzidos por “pessoa” em português) eram traduzidos para o siríaco (*keyane, qenuma e parsopa*). Os termos siríacos não mantinham os termos precisos que os termos gregos vieram a ter.

No fim do século V as controvérsias teológicas percorriam o mundo mediterrâneo e havia chagado nas regiões desérticas do Egito. Devido á herança de Cirilo no Egito mantinha-se a crença em uma só natureza, mas também criam firmemente porque Calcedônia era identificada com a dominação imperial de Constantinopla. Surgiria então não mais uma disputa teológica, mas política.

No Concílio de Calcedônia (451), quarto concílio ecumênico e o segundo de Constantinopla surgiu para fechar as questões em aberto no Segundo Concílio de Êfeso (449), principalmente quanto ao monofisismo (que defende que depois da união do divino e do humano na encarnação histórica de Cristo teria apenas uma única natureza, a divina) e diofisismo (que defende que Jesus preservou em si as duas naturezas: humana e divina).

Até então fora o concílio mais importante. A primeira ação após o concílio foi depostar Dióscoro do patriarcado de Alexandria, colocando Protério em seu lugar, encontrando oposição por parte da população Alexandrina que elegeram para si outro patriarcado, Timóteo Éluro. Protério foi assassinado em 457.

As proposições teológicas do Concílio de Calcedônia são aceitas até hoje inclusive pelas igrejas protestantes. Por não aceitarem as proposições teológicas do concílio surgiram as igrejas não-calcedonianas: Igreja Ortodoxa Copta, Igreja Ortodoxa Síria, Igreja Apostólica da Armênia e Igreja Ortodoxa da Etiópia.

1.3 Século VI

A elevação de Justino ao trono do império em 518 indicava uma mudança significativa nas cisões políticas-teológicas; Justino comunicara a Roma o desejo de pôr fim ao cisma com Constantinopla. Após isso exilou Severo de Antioquia, em Alexandria.

Em 527 após a morte de Justino o trono é sucedido por seu sobrinho Justiniano (482-565), que foi o primeiro imperador romano a interferir em questões teológicas sem a consulta de concílios e patriarcas. Porém ele que não governou sozinho, sua esposa Teodora (500-548) foi coroada co-imperatriz, que tinha inclinações teológicas não-calcedonianas. Apesar da perseguição aos chamados *monofisitas* Teodora torna um dos palácios de Constantinopla em mosteira abrigando quinhentos monges e monjas que compartilhavam de suas posições teológicas tendo como líder Teodósio, que fora deposto de seu patriarcado e colocado um calcedoniano em seu lugar. Teodósio ordenou bispos para viajarem á Síria e ao oriente afim de difundir sua fé. Um dos dois bispos consagrados era Jacob Baradeus

1.4 Jacob Baradeus

Jacob era originário de Tela, filho de sacerdote e havia entrado na ordem monástica perto de Nísibis. Quando foi pedido ajuda aos bispos para a missão não-calcedoniana no Oriente, ele se prontificou. Logo após sua ordenação por Teodósio, viajou toda Síria por cidades e aldeias pregando sua mensagem da “única natureza”, fundando novas igrejas e ordenando sacerdotes. Justiniano ordenou sua prisão, mas ele disfarçava-se de mendigo (daí o apelido Baradeus ou Burd’ono em siríaco, que significa “vestes rotas”), trabalhou nos trinta e cinco anos seguintes sem ser preso. Ordenou vinte e sete outros bispos sob sua autoridade episcopal e, segundo alguns relatos, uns cem mil sacerdotes para dar prosseguimento; além de reativar igrejas que haviam sido sufocadas pela perseguição. Nos seus relatos, conta-se que curou enfermos, ressuscitou mortos, livrou cidades pela sua intercessão, além de conhecidamente praticar a glossolalia e outros dons místicos.

Os bispos ordenados não procuravam contestar a hierarquia territorial estabelecida, que estava em comunhão com o patriarca de Constantinopla. Priorizaram formar suas próprias comunidades e próprias casas de culto. O pequeno número de bispos em relação aos clérigos davam aos jacobitas (como logo vieram a ser chamados) a imagem de serem menos hierárquicos e mais próximos do povo.

Jacob Baradeus deixou um grande legado após sua morte (no monastério de Romanus em 30 de julho de 1578). Por volta do ano 600 encontravam-se igrejas jacobitas desde o mar Egeu até a Armênia e além da fronteira do território persa. Em toda Síria e Mesopotâmia centenas de igrejas foram plantadas, sendo que nessas regiões o número de jacobitas era bem superior ao número de calcedonianos. A sua igreja superou diversas perseguições através dos séculos, como a ascensão do Islã – já no século VII - as invasões dos cruzados, já seis séculos a frente e a conquista dos mongóis á Pérsia e Mesopotâmia no século XVIII.

Hoje encontramos dezenas de milhares de cristãos jacobitas (hoje se denominam Sírios ortodoxos ou Sírios ortodoxos do Ocidente) espalhados por todo o mundo. Essas igrejas começaram a se estabelecer inclusive no Brasil e, hoje, estão presentes em boa parte do Centro-Oeste e no Norte do país.

Referências:

IRVIN, D. & SUNQUIST, S. História do movimento cristão mundial. V. 1: do cristianismo primitivo a 1453. Paulus, São Paulo, 2014.

RAJAN, K.M. ST. Yacoub Burd'ono. In: Malankara Syriac Christian Resources. Extraído de: <http://SyriacChristianity.org>. Acesso em 15/05/2015